

Officina de composição
e impressão de
MANUEL BAPTISTA TORRES
R. DE S. MARTINHO
Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR
Manuel Baptista Torres
Redacção e administração
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

CONSIDERAÇÕES

(A proposito dos ultimos acontecimentos)

Estava previsto. Desde as primeiras horas do actual reinado que o imperante pensa na dictadura. Na dictadura rija, tesa, a sério, na dictadura militar. Era o seu sonho como príncipe. Tem sido o seu objectivo constante como rei.

O ultimatum apanhou o partido republicano desprevenido, como desprevenido tem andado e anda sempre. José Elias era o mais habil dos seus chefes. Mas estava longe de ser, como pretendem os seus admiradores, uma capacidade. Alem de não ser uma capacidade, não tinha a educação necessaria para as mudanças realizadas nos processos e nas idéas pelo tempo. E não era creado por homens que corrigissem os seus defeitos ou compensassem as suas faltas. D'esse modo, o partido republicano não pode, não podia, aproveitar as circunstancias.

Mas fez peor. Partido minuscúlo em 1890, apenas com influencia em Lisboa e Porto, a republica, proclamada, teria cahido, como ainda succederia hoje, nas mãos dos monarchicos. Não faltam patetas, decorados de grandes cabeças por outros patetas, a imaginar e a proclamar o contrario. Nem por isso a verdade deixa de ser esta. Ora a republica nas mãos dos monarchicos deixaria de corresponder ás necessidades nacionaes, e assistiriamos á repetição do espectáculo que offereceu o constitucionalismo, onde as farças do absolutismo continuaram a ser representadas, só com differença d'actores e de tablado. Contudo, partido revolucionario, o partido republicano podia e devia preparar a revolução, preparar-se para a revolução. E preparado para a revolução te-la-hia feita nos dias que decorreram desde 11 de janeiro até ao fim da famosa crise ministerial. Depois era tarde.

Não o fez o partido republicano. Não aproveitou,—porque d'isso o inhibia a sua incuria, o seu desleixo, a sua criminosa imprevidencia,—a occasião. E, como se fosse pouco, tentou a aventura do 31 de janeiro.

Era fatal o resultado. Supprimiram-se jornaes, fecharam-se clubs, poz-se termo a toda a propaganda republicana. O partido, não sendo constituído por democratas, mas por homens descontentes do regime actual, e por outros com aspirações generosas, mas mal definidas nas suas intelligencias incultas ou mal orientadas, em grande parte, por conseguinte, sem fortes convicções, quasi que se dissolven. E assim esteve até 1905 ou 1904.

Em 1903 e em 1904 começou a tentar a sua reconstituição. Conseguiu-o. Mas ainda bem o não tinha conseguido já se julgava apto a escalar o poder. Ainda bem o não tinha conseguido já não pensava senão na revolução. Inconscientemente, doidamente, infantilmente, como fizera antes de 1900. Só sonhava com o poder. só pensava na revolução, mas sem dar um passo

nos preparativos da revolução. Como conseguir a revolução?

O partido republicano, embora as suas gazetas digam o contrario a cada instante, é por enquanto pequeno. Dispõe de Lisboa e Porto, o que, sendo muito, não basta para a constituição d'um governo republicano. Um governo republicano teria de se apoiar nos elementos monarchicos, ou succumbiria, não querendo fazer eleições á cabralina ou recorrer á dictadura.

Os proprios elementos de Lisboa e Porto não teem, em regra, a menor educação democratica. Não são republicanos de principios, mas republicanos de descontentamento ou de vagas aspirações, incapazes de prestar decidido apoio ao regime quando surgissem as horas difíceis da governação.

O partido republicano não tem elementos no exercito. Tem menos do que em 1890, porque então era mais facil, pelo menos, o recrutamento. O meio era outro. Tinha-se feito uma crença de facilidades, que desapareceu. Suppunha-se que bastaria sahir um regimento para a rua para que sahissem todos. Suppunha-se, não só no elemento civil, onde toalmente se suppõe hoje a mesma coisa, como no proprio elemento militar. A repressão era menor. A indisciplina era maior. Não havia a vigilancia nem a desconfiança que ha hoje. Emfim, era incomparavelmente mais facil arranjar adeptos do que n'esta occasião.

Não tendo elementos no exercito para a revolução não os tem tambem o partido republicano no elemento civil. Ainda seria possivel attrahir alguns regimentos a um movimento revolucionario, se fosse possivel iniciar o movimento com fortes nucleos populares. Mas os populares não vão, não podem ir para a rua com cinco dedos em cada mão. Precisa-se d'espingardas, de carabinas, de metralhadoras de tiro rapido, de dynamite, etc. Isso não se compra sem dinheiro. Havendo dinheiro, ainda é preciso saber comprar. Depois de saber comprar é preciso saber introduzir o armamento em Portugal e armazena-lo. Introduzido o armamento, transportado para os melhores pontos, armazenado, é indispensavel ensinar ainda o povo a maneja-lo.

Tudo isto era difficil, mas, havendo pertinacia e tacto, tudo isto era facil. Seria indispensavel que não fosse chefe do partido republicano em Portugal um homem que tem por primeiro e capital objectivo enriquecer, como Affonso Costa; um homem que tem por primeiro e principal objectivo receber ovações, receber palmas, ser alvo de facteis e ridiculas apoteoses como Bernardino Machado; homens que ou são especuladores ou são caricatos. De qualquer fórma enchendo de desprestigio a causa democratica. Attrahindo o povo simples, negociantes ou lavradores sentimentaes ou incultos, mas impedindo a adhesão de tudo quanto é forte pelo verdadeiro sentimento ou pela verdadeira razão. Porque o

partido republicano, infeliz alem de tudo, tem hoje peores chefes do que tinha anteriormente. Manuel d'Arriaga, que nós, os republicanos d'outro tempo, accusavamos de romantico, está vingado. Magalhães Lima, que nós accusavamos de pateta e vaidoso, está vingado. Até o celebre Gomes da Silva está vingado! Vingou-o estrondosamente, solememente, Affonso Costa.

Tudo aquillo era difficil e tudo aquillo era facil. Está ahi uma lei de tiro nacional que daria um meio admiravel d'ensinar ao povo não só a manejar uma espingarda como, até, as proprias formações taticas. Assim a imprensa e os chefes republicanos houvessem feito essa propaganda, como tantas vezes aqui lembrámos. E introduzir, distribuir e depositar convenientemente munições e armamento não é tão difficil que já se não tenha feito em Portugal.

Bem esperto era Mariano de Carvalho. Pois sabendo, como ministro da fazenda, e interino do reino durante a doença de Lopo Vaz, que de certa terra ia ser transportado armamento para o Porto, não conseguiu, apesar de todos os seus esforços, evita-lo. E tanto isso o surpreendeu que não hesitou em procurar, mais tarde, a pessoa que passava por o ter feito para se certificar.

— Faça-me um favor, dizia elle, diga-me se é certo ter sido transportado em tal tempo armamento para o Porto. Tenho um extraordinario interesse em me certificar.

— E' certo.

— Como?!

— Tenha paciencia. Não lh'o digo, nem a ninguem. Esse é o meu segredo.

Ora se era possivel illudir um ministro prevenido, e um ministro como Marianno de Carvalho, o trabalhinho não é tão difficil que se não faça.

E desenganem-se: é indispensavel, por varios motivos, d'ordem interna e externa, apoiar em fortes nucleos populares um movimento revolucionario, de caracter republicano, em Portugal. Desde 1890 que o dizemos. Tem sido prégar aos peixes, n'este paiz de peixes na agua e de burros na praia.

A estas considerações deviam juntar os chefes republicanos uma outra: essa do rei sonhar com a dictadura, mas a dictadura a sério, a valer, á tesa, e ter como objectivo a dictadura, desde os tempos de príncipe real.

Não se realizou essa dictadura em 1891 por causa do estado do exercito, onde estava por fazer toda a obra de selecção e de repressão que, apoz o 31 de janeiro, se começou immediatamente, e por causa da questão financeira. Não se fez mais tarde porque era desnecessaria. Far-se-hia fatalmente quando os republicanos o exigissem e os quartéis... o permitissem.

E quem não via que João Franco levava na sua pasta de presidente de conselho as duas hypotheses: a hypothese dictadura e a hypothese liberdade? Quem não via que a occasião, emfim, tinha chegado?

Por qual das duas hypotheses deviam optar os republicanos, sem elementos no exercito, sem dinheiro para comprar armamento, sem povo disciplinado e instruido que o seubesse manejar, sem habilida-

de para o comprar, introduzir e distribuir, tendo ainda a conquistar a maior parte do paiz, pois a sua acção se limitava ao Porto e Lisboa, e tendo a educar os proprios partidarios das duas capitães?

Não recommendava toda a tatica politica que os republicanos empregassem todos os esforços por obter, até estarem preparados, o maximo de tolerancia e o maximo de liberdade?

Depois de terem praticado o enorme erro de levar João Franco á dictadura não lhes convinha, ao menos,—dada a fraqueza ou a cumplicidade dos partidos monarchicos, que, pelo seu procedimento, logo deixavam perceber que não seria facil fazer cahir o ministerio,—não lhes convinha, ao menos, preferir a dictadura mansa, que deixava de pé o direito de reunião, o direito de associação, ainda uma notavel liberdade de falar e escrever, a uma dictadura brava que elimine tudo isso? Um grande desastre. O que tem succedido, o que succede, é um grande desastre.

Communicava-nos um dia d'estes alguém que não faltava quem extranhasse que poupassem a dictadura poupando tão pouco os chefes republicanos. Poupar a dictadura, nós? Pouco nos importa já o que possa dizer de nós a estupidéz ou a perfidia humana. Bem se sabe como, por todos os nossos principios e propaganda, somos mais contrario ás dictaduras que ninguem. Quanto a não poupar os chefes republicanos, é caso que á força de ser explicado já torna aborrecidas as explicações. A moral dos partidos monarchicos está definida. O que é preciso agora é definir a moral do partido republicano. Criticar os actos dos chefes monarchicos não tira já, nem põe. Criticar os actos dos chefes republicanos ainda pôde ser um estimulo, um incentivo, uma correção, uma lição. E o que importa não é levar a monarchia a bom caminho, que isso já é impossivel. O que importa é evitar, se é possivel, que a republica seja a continuação viciosa do constitucionalismo como o constitucionalismo foi a continuação viciosa do absolutismo. Eis porque não poupámos os chefes republicanos.

Por todas as fórmas, como nos artigos anteriores demonstrámos, combatemos a dictadura. Ninguem a previu, com o caracter militar que está assumindo, com tanta precisão. Todos os fuzilamentos, todas as violencias claramente anteviamos. Os chefes republicanos entendiam e entendem que é esse o caminho da republica. Nós entendemos que esse caminho só conduz a um recuo na democracia portuguesa.

E' a differença.

O tempo dirá quem se enganou.

O METHODO JOAO DE DEUS

E AS ESCOLAS MOVEIS

IX

Sob esta epigrapha foram aqui publicados oito artigos, alem de mais dez, ineditos de 1895: *Homenagem a João de Deus*.

Como prometti volto ao assumpto. Ha mais que dizer.

Achando-se publicado o *oitavo relatório da Associação de Escolas Moveis*, de 1905 e 1906, começarei por fazer algumas referencias a este opusculo, onde se lê: «Como podereis vêr no ultimo relatório em 31 de dezembro de 1904 a nossa Associação contava 381 socios e a sua receita annual era de 1.305\$600 rs. Decorridos dois annos; em 1906, a receita foi de 1.383\$500 reis, sendo o numero de socios 391. Temos mais dez associados e a receita ordinaria teve o augmento de 77\$900 reis.» Mas bastaria que meio por cento da população portugueza contribuisse com o minimo da quota—100 reis por mez (o vintem semanal) para a Associação contar 25:000 socios, 30 contos de receita annual.

D'este modo as Escolas Moveis, decorridos 25 annos, apenas teem realiado 180 missões as ultimas em exercicio. Conhecidos os resultados de 166 cursos ambulantes, verifica-se que a inscripção dos alumnos por cada missão é de 65. A média dos inscriptos que se prestaram a dar a prova final é de 23. Pouco irá alem de 5:000 o numero dos individuos que, nas missões realizadas, terão aprendido a lêr, escrever e contar.

A prestante sociedade «A Voz do Operario», cuja acção é restricta a Lisboa, como aqui foi dito, cobra de cada socio 20 reis por semana. Esta Sociedade, quasi coeva das Escolas Moveis, teve de receita em 1883—485\$755 reis e de despeza 374\$190 reis. Em 1898—já contava 27.400 socios; em 1903 a 1904 possuia 44.539 associados e a receita de reis 49.562\$580. Pois actualmente conta 50.000 associados e a sua receita de 1905 a 1906 subio a 54:626\$005 reis e a despeza a 51:843\$245.

Compare-se a dedicação que a classe operaria da capital vota a esta benemerita Sociedade—com o indifferentismo com que os opulentos e os remediados de todo o paiz receberam a Associação de Escolas Moveis—cujos serviços—desconhecidos por uns,—ainda, triste é dizel-o, são guereados por outros!...

Pretendeu a Associação de Escolas Moveis ter um *mensario* aonde desse conta do movimento associativo aos seus subscriptores. Para esse fim publicou a revista «A Instrução do Povo». O preço da assignatura era de 600 reis por anno, 50 reis por mez,—cerca d'um real e meio por dia. Devolvida por uns, vilmente caloteada outros, aquella revista... morreu. Foi substituida pelo *Boletim* que, gratuitamente, será distribuido aos socios.

A sociedade «A Voz do Operario» tem o seu orgão na imprensa: um semanario cuja tiragem é superior a 50:000 exemplares. A sua prosperidade, alem do que fica dito, é affirmada pelo decreto ha dias publicado no «Diario do Governo», aonde se lê: «Artigo 1.º—E' o governo auctorisado a conceder gratuitamente a Sociedade de Instrução e Beneficencia «A Voz do Operario» uma area de 1:160 metros quadrados de terreno da cêrca da Casa da Correção das Monicas, com frente para a rua da Infancia, na extensão de 40 metros por

29 metros de fundo, com destino á construçáo d'um edificio para a sede da mesma Sociedade, a qual deverá manter a prestaçáo de subsidios e a sua actual organizaçáo.»

Já aqui foi dito e documentado que ha eleitores (96,4% analfabetos), cujos votos são contados na capital,—menos instruídos que os negros do Cabo da Boa Esperança... para gloria de regimen.

Vou ainda transcrever alguns trechos de que disse no ultimo relatório das Escolas Moveis, justificando a sua utilidade: «Affirmar os nossos pedagogistas que saber ler não basta e que o minimo que se deve ensinar na escola primaria é:—as sciencias de observação; elementos geraes das sciencias da natureza: a physica, a chimica, a geologia, a botanica, a zoologia, a historia natural, etc. Mas pelos calculos d'um profissional só para edificios escolares sufficientes para receber todas as creanças na idade de recenseadas seria preciso gastar 33 mil contos. E estará o thesouro publico nas circunstancias de gastar, sem delongas, tão avultada quantia? E' certo que a França para reparar o desastre de 1870 pôde applicar ás escolas publicas perto d'um milhar de milhões, 180 mil contos de reis. Mas a França é tão rica que só á Russia, segundo affirmam os competentes, tem podido emprestar cerca de 1:600 mil contos de reis.

Se em 73 annos de regimen representativo ainda não conseguimos ensinar o povo a ler—muito haverá a esperar para chegarmos ao ensino scientifico e integral—reclamado pela pedagogia. E depois?

Devemos esperar outros 73 annos—continuando a exportar analfabetos que sejam humilhados e escarneidos pelos emigrantes das outras nações cultas?

«Pelo amor de Deus dê-se ao desgraçado que emigra, saudoso do seu lar, ao menos a esmola das primeiras lettras para elle se corresponder com a familia e não esquecer a patria. Esse baptismo espirital pôde realisar o principalmente nas povoações ruraes a nossa Associação com as suas missões de 4 mezes.

«Não nos esqueçamos que no Brazil, California, Demerara, Honolulu (ilhas Sandwich), etc., o emigrante portuguez, na percentagem de analfabetos que foi indicada, sem nenhuma aptidão profissional, só pôde concorrer nos trabalhos mais penosos e violentos com os coolies e negros; com as chamadas raças inferiores. Deve continuar uma tal vergonha? E' bom recordar que no Brazil, a nação irmã, o portuguez—dia a dia perde terreno. No estado de S. Paulo predomina o emigrante italiano. Nos estados do Sul: Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul—é já o allemão a dominar.

No estado actual da nossa instrução elementar—a necessidade de dar impulso ao ensino ambolante é absoluta e inadivél.

A Suissa com 3.300.000 habitantes—em 1900—gastava com as suas escolas primarias, onde se achavam inscriptos 471.713 creanças de ambos os sexos, 32.840.037 francos, reis 5.911.206\$660. As suas 767 escolas infantis ou maternas contavam 40.344 creanças.

Pelo Diario Estatístico—o nosso paiz contava no mesmo anno de 1900—4.495 escolas officiaes. Suppondo que na proporção das que foram creadas de 1881 a 1900 em cada um dos ultimos sete annos se edificaram 64 (o que não é verdade)—teremos em 1907—4.493 escolas. Juntado-lhe 1.579 escolas particulares (este numero não deve ter augmentado porque as ultimas leis difficultaram mais o ensino particular) o total geral das nossas escolas, hoje, será de 6.522.

Pelo censo do anno lectivo de 1899 a 1900—o numero dos alumnos a ensinar era de 179.640. Ora em relação á Suissa o numero de alumnos recenseados deveria ser de 815.000; e o de professores 17.700. E se pelo annuario das escolas a Suissa gastou em 1905 a 1906—34 milhões de francos, 6:120 contos,—Portugal, na proporção, deveria gastar nas suas escolas primaria 10:570 contos de reis.

«No anno de 1906 a Suissa gastou com a sua instrução primaria, secundaria e superior 66:160.000 francos

(a 180 reis), 11:908:800\$000 reis. Portugal—orçamento de 1907 a 1908—consignou: para instrução primaria (municipios 1.376:800\$000; estado 588:500\$000 reis), 1.965:300\$000 rs; secundaria—346:656\$745 reis; superior—400:950\$810. Total reis—2.712:907\$555, quando em relação á Suissa deveria gastar 20:554:545\$000 reis...

Temos pois 6.522 escolas officiaes e particulares—quando para 815.000 alumnos, em relação á Suissa, deveriamos ter 19.622, faltando-nos, portanto, 13.103. Mas apenas calculamos sobre a população actual do paiz, 5.684.514 habitantes, 12% em idade escolar, teremos—ou deveriamos ter—682:201 creanças recenseadas.

E—portanto—sem confrontos com outros paizes—precisamos mais 10:033 escolas.

«O numero de professores officiaes, entre nós, é de 5.500; em relação á Suissa faltam-nos 12.200. Assim a despeza immediata a fazer seria (o orçamento official dá para cada escola que receba 40 alumnos o custo de 2:000\$000):

Custo de 10:033 edificios escolares a 2 contos	20:066:000\$000
Mobiliario e material escolar (custará por cada escola 186\$000 reis, custo médio de 150\$000.....)	1.504:950\$000
Falta de mobiliario, etc, para 3:000 das escolas existentes (a 150\$000).....	450:000\$000
Teriamos, pois, custo de edificios e material escolar, reis.....	22:020:950\$000

Para estas escolas seriam precisos mais 10:033 professores, que ao vencimento médio (das tres classes, pela ultima lei) de 198\$333 reis augmentavam a despeza annual em mais 1.989:874\$988 reis. Está o thesouro publico em condições financeiras de gastar—sem delongas—24 a 25 mil contos de reis—para acudir ás urgentes necessidades do ensino elementar?

Se não está—para que se fazem ameaças e estabelecem penalidades na lei da obrigatoriedade para os chefes de familia que não mandam as creanças ás escolas... que não existem?

Que mais sera preciso dizer para mostrar a utilidade das Escolas Moveis?

Não se considerem exaggerados os calculos que acabamos de fazer. Os Estados Unidos em 1901 (E. Levasseur, L'Enseignement Primaire)—gastavam com as suas escolas publicas 234:967:919 dollars ou sejam mais de 234:967:919\$000 reis. As suas escolas, 254:076, em 1902, no valor de 601:571:000 dollars, mais de 601:571:000\$000 reis, contavam no registo escolar, publico e particular, 17.299:230 alumnos, sendo os professores das escolas publicas em numero de 439:596.

A população dos Estados-Unidos em 1900-1901 era de 76:300:000 habitantes.

Assim Portugal—na proporção—deveria ter 1.210:000 alumnos em idade escolar; deveria possuir 18.974 escolas com 32.840 professores e deveria gastar—só na instrução primaria—17.553:000\$000 reis. E depois?

A receita do paiz que em 1860 era de 11.866:871\$879 subiu no orçamento de 1907 a 1908 a reis 68.291:056\$118, mais 56:424:184\$239 réis. Mas a despeza sobe sempre em maior progressão: 69:250:624\$224—no mesmo anno de 1907 a 1908.

Os encargos da divida publica, calculada em 600 mil contos, no ultimo orçamento montam a reis 29.649:276:340 (30 mil contos.) E assim fica provado que o thesouro publico não pôde actualmente acudir ás exigencias da instrução popular. Pôde e quer a iniciativa particular acudir-lhe auxiliando a Associação de Escolas Moveis? Eis a questão.

«No numero 21 da revista «Serões» acha-se publicado um valioso artigo do sr. dr. João de Barros affirmando a racionalidade do methodo João de Deus e as vantagens das Escolas Moveis. A paginas 200 encontra-se o retrato do sr. dr. João de Menezes e lê-se: «deputado que apresentou á Camara o projecto de lei concedendo um subsidio ás Escolas Moveis.» O projecto de subsidio, diz o illustrado

auctor do artigo, deveria tambem comprehender a creação de Bibliothecas Populares Moveis.

Foram encerradas as côrtes e não consta que tal projecto fosse apresentado. E melhor foi assim. As Escolas moveis foram creadas pela iniciativa particular.

Ou por esta iniciativa se levantam á altura de cumprir a sua civilisadora missão ou morrerão de inaniidade, perante a indifferença publica.

No orçamento de 1907 a 1908, pag. 74, art.º 28.º e 29.º, lê-se: «Verba de subsidios a camaras, montepios, etc., 1:146:507\$485 reis.»

Entre esses subsidios ha um á patriótica «Liga Naval» de 7.400\$000 reis e outro de 6:000\$000 réis á Sociedade do Palacio de Crystal, do Porto.

As expropriações em Lisboa succedem-se e o municipio da capital está constantemente offerecendo á venda enormes quantidades de terreno. Se o amor á instrução fosse sincero e os serviços das Escolas Moveis estivessem, como deviam estar, reconhecidos pelos poderes publicos—bem poderia a Camara ceder-nos—gratuitamente—terreno para o edificio da nossa sede e o governo subsidiar-nos com a verba necessaria para sua construcção. Teriamos então a Escola Modelo—em que se pensou em 1883—como unico monumento digno de perpetuar o nome de João de Deus.

A sede da nossa Associação seria a escola-mãe aonde se conservaria intacta a pureza do methodo pelas gerações fóra; d'ali deveriam sair os professores, os missionarios do novo evangelho de luz que iriam ensinar a lingua de Camões, nas cinco partes do mundo aonde ella, a despeito da nossa enorme decadencia, ainda se falla!

Mas, é natural que nem do municipio venha a concessão do terreno,—nem do governo o subsidio—para missões, bibliothecas moveis e construcção do edificio que nos é indispensavel possuir.

Voltemos, uma vez mais, as nossas esperanças para a iniciativa particular. Ha poucos dias as respeitaveis senhoras Prados Rodrigues offereceram gratuitamente para a construcção d'um asylo 3:100 metros de terreno. Os nossos compatriotas do Rio de Janeiro, para commemorarem a proxima viagem régia já offerecem um palacio, que vão construir para sede da legação de Portugal no Brazil.....»

Nenhum interesse tenho em prolongar um trabalho sobre o qual a indifferença publica será completa. Mas nem por isso deixarei de voltar ao assumpto. O convencionalismo, a hypocrisia dos politicantes e dos litteratdes ha de ficar demascarada. N'este paiz só as oligarchias, as castas, teem existencia real.

Eis porque verdadeiros criminosos teem votado ao mais absoluto desprezo a instrução popular. Catholicos—desconhecem a doutrina de S. Paulo, que disse: «Todos os homens e mulheres—sem distincção de raça—são eguaes perante Jesus Christo. Os esgravos tornaram-se irmãos de seus senhores.»

Democratas—Que esforços empregaram para todos possuirem a nitida comprehensão do que seja liberdade, egualdade e fraternidade? Se quatro quintos da população portugueza não sabe fazer uso da palavra escripta—lendo-a ou enviando-a a longas distancias—aonde existe a egualdade?

Ha 116 annos que a Declaração dos Direitos do Homem reconheceu que «a instrução é a necessidade geral. A Sociedade deve favorecer com todo o seu poder os progressos da razão publica, e levar a instrução ao alcance de todos os cidadãos.»

Qual tem sido a fôrma pratica, effectiva, dos nossos liberalões e democratas executarem tão patriótica doutrina? Os factos que respondam. E' que as multidões ignorantes são mais faceis de illudir e de explorar...

13—VI—1907.
CASIMIRO FREIRE.

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compraes a bicyclete—«A OSMOND»

O assumpto capital, que domina todos os outros, é o dos tiros e acontecimentos dados á chegada do presidente do conselho, e no dia immediato, tiros e acontecimentos de que resultaram mortes e ferimentos graves.

Sabe-se a nossa opinião a esse respeito. Sempre condemnámos as brutalidades da força publica. Nunca ninguém as condemnou mais do que nós. Só nós, no Povo de Aveiro, temos feito séria propaganda contra ellas. Só nós. Quando foi da morte do operario Oliveira Bairros, no Porto, demonstrámos, n'esse jornal, em mais do que um artigo, como, em casos analogos, procedia o exercito francez. Pois nenhum jornal republicano secundou essa propaganda. Pois nenhum deputado republicano se aproveitou dos factos importantissimos, que revelámos, para mostrar na camara todo o odio da conducta da força publica em Portugal quando sahe para a rua a dominar tumultos.

Publicámos no Povo de Aveiro a celebre circular do commando das guardas municipaes. Nenhum jornal republicano, como ha dias ahi ficou escripto, a transcreveu ou a ella se referiu. Nenhum deputado republicano disse na camara duas palavras a proposito d'essa revelação gravissima. Nenhum!

Sobeja-nos, pois, a auctoridade, que falta a todos os dirigentes republicanos, alem de tudo partidarios dos actos de força, para condemnar as violencias inauditas que se praticaram esta semana em Lisboa. E formalmente as condemnamos. Sem rhetorica, porque se tem dispendido tanta que não ha já rhetorica para gastar. Sem descrições porque, em palavras e bonecos, já está tudo descripto.

O que vae agora succeder?

Escrevemos esta carta de manhã, antes de apparecerem nas ruas os jornaes, e só por elles será possivel saber-se de positivo alguma coisa. Hontem Novidades dava como certa a queda do governo. Eu não creio. Pôde ser. Mas não creio. E' agora que se vae definir o caracter do rei. E' o caracter de D. Maria II ou de D. Luiz I? O caracter, o temperamento d'este homem não está ainda bem definido. Não falta quem o proclame um audacioso, um valentão, um energico. Não falta quem o diga hesitante e tímido. O que será? D. Maria II? D. Luiz I? Ve-lo-hemos.

Eu, collocado no seu logar, e n'esta grave conjunctura, confesso que não daria a demissão ao ministerio. Não lhe haveria concedido a dictadura. Mas uma vez dado esse passo não recuaria. Não teria recuado deante dos protestos do conselho d'estado, das camaras legislativas, das camaras municipaes, como D. Carlos não recuou. Mas muito menos recuaria agora deante das ameaças dos jornaes, dos politicos, da praça publica.

E' claro que estou a falar como se fóra rei absoluto. Os reis absolutos teem uma norma, os reis constitucionaes teem outra. O processo dos monarchicos não é o processo dos republicanos. E entre os proprios republicanos ha republicanos com plano, com objectivo, com principios, com idéas, e republicanos que vogam ao acaso.

Eu, D. Carlos I, em hypothese por momentos, tendo evidenciado toda a minha vida tendencias absolutistas, tendo feito pesar a minha vontade em todo o decurso do meu reinado, tendo aspirado sempre a uma dictadura militar definida, positiva, característica, tendo iniciado essa dictadura, não recuaria, não poderia recuar, não deveria recuar, sem me desmentir, e sem ficar sujeito a maiores perigos do que os que pretendesse evitar, ás primeiras difficultades sérias que surgissem.

João Franco confessa que pediu a demissão ao rei antes de assumir a dictadura. O rei não lh'a deu.

O rei deu-lhe a dictadura. Como lhe ha de negar agora os meios de governar em dictadura? Agora, que o rei é atacado como nunca? Agora, que chovem sobre elle, e de todos os lados, ameaças e injurias? Agora, que está, digase, triunphante o que em phrase palaciana se chama a anarchia da praça publica?

Eu não creio. D. Carlos deixará de ser D. Carlos. O valentão converter-se-ha n'um pusillanime. Tudo é possivel. Principalmente n'este paiz, onde os covardes é que são os valentes e onde os valentes é que são os covardes. Será possivel. Mas, por emquanto, duvido.

Depois, a verdade é que João Franco é logico sob o seu ponto de vista. João Franco diz: Eu, que tinha á minha disposição os recursos d'uma dictadura, deixei falar livremente monarchicos e republicanos. Deixei que monarchicos e republicanos se reunissem livremente. Deixei circular as gazetas livremente, que não respiram ha muitos annos, apezar da lei, tão desfogadamente. E a mim, dictador, não me permitem liberaes e republicanos que diga duas palavras aos meus correligionarios e que seja festejado pelos meus amigos.

Assim diz João Franco. E, dizendo-o, João Franco é logico, João Franco tem razão sob o seu ponto de vista.

Sob o seu ponto de vista, note-se. Sob o ponto de vista monarchico, pôde-se ainda dizer. Os republicanos andaram erradamente e andam. Andam. Quer o ministerio cáia, quer não cáia, contra elles, em especial, será dirigida toda a acção governativa. O Paço pôde transigir, do que duvidarei até á ultima. Pôde expulsar o ministerio, o que, direi sempre, eu não acredito. Mas só transige, se transigir, para concentrar a acção monarchica contra os republicanos. N'esse caso, mais uma vez os republicanos farão, simplesmente, o jogo das opposições monarchicas. Seja, porem, como for, são elles os unicos que se apresentam com auctoridade a combater a dictadura.

Tambem vivem partidariamente em dictadura. Em dictadura fe-roz, que é uma triste garantia do respeito pela liberdade que promettem para amanhã. Os seus dictadores fazem o que João Franco não se atreveu ainda a fazer. Terminam os directorios o seu mandato e continuam dias, mezes, annos a governar sem dar satisfações nenhuma ao partido que governam. E' expulso um jornalista do partido republicano e quando, n'um congresso, se pede a confirmação d'esse facto. acode um dictador a bramar: «Qualquer coisa que se diga contra esse jornal agrava-me, porque esse jornal é meu amigo e eu sou amigo d'esse jornal.» E fica tudo em silencio. Commette um dos seus chefes os mais graves attentados e quando algum fulmina esses crimes acodem os outros chefes, com applauso do partido, a dar os crimes por virtudes e a sacrificar o que se atreveu a escrever que são crimes aquillo que os corypheus querem que sejam virtudes. E assim por deante. E' uma miseria moral, em toda a sociedade portugueza, que revolta e que assusta.

No entanto, repetimos, como os republicanos nunca foram governo do paiz, como as dictaduras politicas estão excluidas do seu programma, como ainda não desmentiram com factos d'ordem geral e governativa as suas doutrinas, teem auctoridade para guerrear o dictador e combater a dictadura.

Mas que auctoridade teem os partidos monarchicos? Alguem pôde acreditar na sinceridade do sr. Alpoim, que commetteu como ministro os maiores attentados contra a imprensa? Na sinceridade do sr. Hintze Ribeiro, que mandava trancar as portas das redacções, apprehender jornaes, como o sr. José Luciano, e praticar muitas outras tropelias?

Ao menos nós, exclama ainda João Franco, não mettemos as mãos nos cofres publicos, nem distribu-

mos o bcd, pelos nossos amigos. Também tem razão. Ha contra João Franco a questão dos adeantamentos. E' o seu ponto fraco. Não sei bem como elle a resolverá. Mas estou convencido de que a não resolve satisfactoriamente. A parte isso, porém, a administração de João Franco tem sido incontestavelmente mais honesta do que as outras administrações monarchicas. Digase a verdade toda. Nunca deixámos, nunca deixaremos de a dizer.

Somos contra todas as dictaduras. Somos a favor dos mais puros principios democraticos. Pugnámos durante um anno por uma politica susceptivel de evitar a actual dictadura ou de dar aos republicanos, pelo menos, o prestigio que perderam. Foi baldado esforço. Pois então diga-se agora a verdade toda.

A dictadura de João Franco só tem a mais do que os outros o haverem sido dissolvidas as camaras sem voto do conselho de estado e sem se fixar dia para novas eleições. Mas não esquecer que era isso exactamente o que Hintze Ribeiro pedia ao rei em maio do anno passado. Ou não será licito á patrulha franquista usar dos expedientes dos grandes partidos? Será esse o atentado?

Todos valem o mesmo. E' uma desmoralização pegada. E continuaremos, até o paiz adquirir a educação que lhe falta.

E' esse o grande mal da patria portugueza.

C.

* *

P. S.—Chego á rua, compro jornaes, abro a *Lucta* e vejo como titulo do artigo de fundo *O governo fica*.

Bem me queria parecer que o governo ficava!

Ainda bem. Porque agora é que é certa a queda da monarchia e o triumpho da republica. Para gloria excelsa dos excelsos chefes republicanos que veem ha um anno ajudando este trabalho da dictadura.

C.

Um operario sem trabalho

Com a nova phase da dictadura quem mais soffreu foi o illustre Bernardino Machado. Ilustre tinha pedido a demissão de lente da Universidade para melhor auxiliar a propaganda republicana, ou, por outra, para receber á vontade applausos, vivas, beijos, palminhas e... apotheose!

Acabando os comícios, acabando as reuniões politicas de toda a ordem, prohibida qualquer manifestação, eis o infeliz impossibilitado de receber palmas, de receber bravos, de receber vivas, de apanhar a grande apotheose.

Pobre e triste operario sem trabalho.

POVO DE AVEIRO

Vende-se em Lisboa na tabacaria Monaco, ao Rocio, e na Tabacaria Americana, ao Chiado, na rua Nova do Almada 46, junto á drograria Falcão, na Havaneza de Alcantara n.º 6; Tabacaria Firmiano Paulo, rua da Prata, 205 e 207. No Porto, na rua da Bandeira, 41. Em Coimbra na Tabacaria Central, rua Ferreira Borges, 27, e em Aveiro no kiosque de Antonio de Souza, Largo de Luiz Cypriano.

SAL.—O wagon de sal vende-se actualmente a 198000 réis posto na estação do caminho de ferro d'esta cidade.

ALLIANÇAS

Ao Povo de Aveiro se deve o serviço da evolução realisada pelo partido republicano a respeito d'allianças. Como se sabe, a imprensa republicana combatia incessantemente a alliança ingleza. Fomos nós que em muitos artigos demonstrámos o erro d'essa propaganda, levando a reconsideração ao espirito de muitos. Mas se defendiamos a alliança de Portugal com a Inglaterra achámos sempre perigosa a alliança de Portugal, Inglaterra e Hespanha. Vejamos o que n'um pequeno artigo diziamos a tal respeito em 20 de dezembro de 1903, quando alguns jornaes defendiam essa triplice alliança:

PORTUGAL E HESPANHA

Não temos enthusiasmo nenhum, mesmo nenhum, pela tal projectada alliança entre Portugal e Hespanha. Agora é que é comediola. Da alliança com a Inglaterra, só com a Inglaterra, podia Portugal tirar grandes vantagens. Mas essas vantagens desapparecem todas sendo a Inglaterra aliada de Portugal e, ao mesmo tempo, aliada da Hespanha.

Portugal aliado com a Hespanha, sem estar aliado com a Inglaterra, comprehende-se. Só havia ahí que objectar e fazer reflectir a fraqueza da Hespanha, o odio tradicional que ella nos tem, e a sua aspiração eterna a absorver-nos.

Portugal aliado com a Inglaterra, sem qualquer dos dois estar aliado com a Hespanha, também se comprehendia, e, n'este instante, era a melhor alliança para Portugal.

Portugal aliado com a Inglaterra e com a Hespanha é muita fatura junta! Alguem arrebenta com a indigestão. E somos nós, incontestavelmente.

Impinjam essa nova gloria para Portugal a quem for tolo. Quem tiver dois dedos de juizo, não a engole.

Essas triplices não são para nós.

Assim diziamos. E assim antecediamos, portanto, as opiniões que hoje correm a proposito do assumpto, dada a approximação entre a Inglaterra e a Hespanha.

AOS INTERESSADOS

Pelo commandante interino do districto de recenseamento e reserva n.º 24, se faz saber que foram subdividos os contingentes militares do corrente anno, pelas respectivas freguezias d'este concelho, da seguinte fórma:

Aradas—Recenseados, 39. Dá para o exercito, 10.

Cacia—Recenseados, 30. Dá para o exercito, 7.

Eirol e Eixo—Recenseados, 26. Dão para o exercito, 6; e para a armada, 1.

Esgueira—Recenseados, 20. Dá para o exercito, 5.

Nariz—Recenseados, 5. Dá para o exercito, 1; e para a armada, 1.

Oliveirinha—Recenseados, 21. Dá para o exercito, 5.

Requeixo—Recenseados, 24. Dá para o exercito, 6.

Senhora da Gloria—Recenseados, 55. Dá para o exercito, 13.

Vera-Cruz—Recenseados, 43. Dá para o exercito, 10; e para a armada, 1.

As inspecções e respectivos sorteios teem logar no mez de julho e nos dias seguintes:

Dia 5—Aradas; dia 6—Cacia; dia 8—Eirol e Eixo; dia 9—Esgueira, Nariz e Oliveirinha; dia 10—Senhora da Gloria; dia 11—Vera-Cruz e Requeixo.

Album Republicano

E' agente em Aveiro d'esta importante revista, o sr. Bernardo de Souza Torres, proprietaria da Veneziana, a quem devem ser dirigidos todos os pedidos de assinaturas.

SARRAZOLLA

Declara o sr. Henrique Maria Rodrigues da Costa que não pediu, nem pede, a intervenção de quem quer que seja para que eu não continue com os meus communicados contra sua senhoria.

Mas nós dissémos, por ventura, que o sr. Henrique Maria Rodrigues da Costa nos pediu alguma coisa? A quem o dissémos? Onde o dissémos? Se o não dissémos em parte nenhuma nem a ninguém e se não devemos satisfações a melindres injustificados nada temos, sobre esse ponto, que acrescentar nem que rectificar, ao que já foi dicto por nós no *Povo de Aveiro*.

De reforço ao sr. Henrique Maria Rodrigues da Costa vieram, na *Vitalidade*, os srs. dr. Marques da Costa e Reynaldo Oudinot, declarando o primeiro que a fôssa seria prejudicial á saude publica, e o segundo que o sr. Henrique da Costa foi completamente extranho ao pedido que me fez o mesmo sr. Reynaldo Oudinot.

Ora eis mais uma vez provado o inconveniente do excesso de zelo. Os meus amigos Marques da Costa e Reynaldo Oudinot tanto quizeram ser agradaveis ao seu prezadissimo amigo Henrique da Costa que desataram a correr antes de tempo. E vamos ver.

Em primeiro logar, o sr. Reynaldo Oudinot nada me pediu. Esqueceu-se d'isto o meu prezado amigo. A que veio então, a sua carta?

Mesmo que me houvesse pedido alguma coisa, a sua carta era extemporanea. Só teria logar depois da minha resposta ao sr. Henrique da Costa e no caso de eu desmentir este senhor. Mas se nem sequer me pediu nada!

Em segundo logar não fui eu que disse que a fôssa não prejudicaria, quando construida convenientemente, a saude publica. Foi o sr. dr. Armando da Cunha Azevedo, distincto clinico e sub-delegado de saude publica. Porque se dirige então a mim o sr. dr. Marques da Costa, em vez de se dirigir ao seu collega?

A camara municipal de Lisboa não só consente as fôssas como obriga os municipes a construi-las nos sitios onde não ha encanamentos. E' Sarrazolla mais zeladora da hygiene publica do que a cidade de Lisboa? Parabens á minha terra, que a não suppunha tão civilisada.

Sabe o sr. dr. Marques da Costa mais dos perigos das fôssas, dos seus males, das suas inconveniencias, do que todo o numeroso pessoal medico de Lisboa? Parabens ao meu amigo e á sua sciencia e pezones ao sr. dr. Armando da Cunha a quem, afinal, é dirigida a carta que vem em meu nome.

E para terminar:

A pessoa que interveio em sentido conciliador n'esta questão, a pessoa que me pediu para eu não continuar, a pessoa que eu disse por muitos titulos estimar e respeitar é meu irmão João, a quem, por seu turno, se dirigira o meu amigo Reynaldo Oudinot, declarando-lhe, comtudo, que assim procedia espontaneamente e não a pedido de qualquer pessoa. Como meu ir-

mão não retirou ainda o seu pedido, nem eu retirei ainda a promessa que lhe fiz, nada tenho a responder aos emπραzamentos do sr. Henrique da Costa, não me faltando, todavia, que dizer.

Mas... ponto final. Não voltarei ao assumpto.

Aveiro, 20 de junho de 1907.

Antonio Maria Ferreira.

HORARIO DOS COMBOIOS

	Omn. Tram.		Omn. Rap.		Cor.
	M.	T.	M.	T.	
Lisboa (Roc.)	8,35	—	1,50	5,30	9,3 M.
Entronc. o. . .	11,54	—	4,55	7,3	12,19
Coimbra . . .	3,36	9,4	8,28	8,57	4,6
Pampilhosa . .	4,9	9,34	9,20	9,13	4,35
Mogofores . . .	4,52	10,14	9,40	—	5,4
O. do Bairro . .	5,3	10,27	9,51	—	5,15
Aveiro	5,33	11,1	10,19	9,53	5,45
Estarreja . . .	5,58	11,23	10,42	—	6,5
Ovar	6,18	11,54	11	—	6,24
Espinho	6,43	12,34	11,24	10,35	6,46
Gaya	7,19	1,23	11,58	10,57	7,20
Porto (S.B.t.)	7,46	1,51	12,22	11,16	7,47

DO PORTO A LISBOA

	Omn. Rap.		Omn. Rap.		Cor.
	M.	T.	M.	T.	
Porto (S.B.t.)	6,35	8,49	2,45	5	8,44
Gaya	7,6	9,11	3,19	5,21	9,19
Espinho	7,30	9,28	3,40	5,38	9,46
Ovar	7,52	—	3,59	—	10,12
Estarreja . . .	8,13	—	4,16	—	10,33
Aveiro	8,36	10,8	4,37	6,16	10,55
O. Bairro . . .	9,6	—	5,4	—	11,25
Mogofores . . .	9,17	—	5,15	—	11,37
Pampilhosa . .	9,35	10,45	5,31	6,51	11,57
Coimbra	10,19	11,1	6,1	7,15	12,31
Entroc. am. . .	1,47	12,55	8,52	9,9	3,24
Lisboa	5,7	2,40	11,58	10,50	6,25

Tramways.—Do Porto para Aveiro—Partida de S. Bento, ás 9,47 da manhã, chegando a Aveiro ás 12,15 da tarde.

Partida de Aveiro: de manhã, ás 3,54, chegando a S. Bento ás 6,32. Outro ás 6,25 da tarde, chegando a Aveiro ás 8,58. Outro ás 11,1 da manhã, chegando ao Porto á 1,51 da tarde.

EPIHEMERIDES DEMOCRATICAS

17 de junho.—A assembleia geral legislativa do Brazil elege a Regencia permanente, 1831.

18 de junho.—Acção de Salvatierra contra os carlistas, 1837.

19 de junho.—Os patriotas portugueses indignados contra o predomínio francez sublevam-se no Porto e installam duas juntas, uma de e outra de defeza e ataque, 1808. — Combate de S. Bartholomeu na estrada do Porto a Penafiel, 1828.

20 de junho.—São enforcados em Lisboa nove estudantes da Universidade, dos treze que haviam assassinado em Condeixa os lentes de Coimbra que vinham saudar D. Miguel, rei absoluto, 1828.

Já referimos o caso do assassinato n'estas epimerides. Vamos hoje referir o da execução.

Diz Soriano:

«Os nomes dos desgraçados estudantes, denominados no depoimento acima por saltadores, foram os de Bento Adjuto Soares Couceiro, Delfino Antonio de Miranda e Mattos, Antonio Correia Megre, Domingos Barata Delgado, Carlos Lidoro de Souza Pinto Bandeira, Urbano de Figueiredo, Francisco de Amor Ferreira Rocha, Domingos Joaquim dos Reis (filho do capitão-mór de Cintra, e afilhado da rainha D. Carlota Joaquina), e Manuel Innocencio d'Araujo Mausilha. Chegados que foram á capital foram de prompto mettidos em processo, que o governo fez todo o empenho em o fazer concluir quanto antes, nas vistas de ostentar uma força que fortemente impressionasse os animos, e obstasse por este modo ao progresso da revolução liberal, que no dia 16 de maio havia rebentado no Porto. Por sentença do dia 17 de junho foram todos os nove estudantes condemnados á morte de forca, sendo no dia 19 regeitados os embargos, e no mesmo dia desprezados também os de restituição.

No seguinte dia 20 foram portanto os ditos nove estudantes enforcados no chamado caes do Tojo, que então era situado onde hoje estão os telheiros do caminho de ferro, defronte da Bica do Sapato. Na forca ficaram as cabeças de Couceiro, Delfim e Megre com as mãos pregadas por baixo d'ellas. Faltaram portanto quatro estudantes para completarem o numero dos treze em que acima se fallou, e que foram Antonio Maria das Neves Carneiro, estudante do segundo anno mathematico e philosophico, natural do Fundão, sendo filho de Antonio das Neves Carneiro. Tendo podido escapar-se para Hespanha, foi por fim denunciado ás autoridades d'aquelle paiz, as quaes, por convenção com as de Portugal, o trouxeram até á raia, onde por estas foi preso e afinal condemnado também á morte de forca, por sentença de 6 de junho de 1830, sentença que egualmente se executou no caes do Tojo, no dia 9 do dito mez de junho.

Dos tres estudantes restantes ignora-se o nome e o destino de um, sendo os dois que faltam enumerar Francisco Sedano Bento de Mello, e Joaquim José d'Azevedo e Silva. Sedano era particular amigo de Carneiro e seu condiscipulo no segundo anno mathematico e philosophico. Era filho do medico hespanhol, empregado como tal no hospital das Caldas da Rainha, Valentim Sedano Bento de Mello, o qual, sendo perseguido durante o governo de D. Miguel, foi depois da restauração do governo legitimo em 1834 nomeado administrador do referido hospital. Tendo seu filho a fortuna de se escapar á prisão no dia 18 de março, e de se homisiar sem d'elle se saber, appareceu em publico depois que em Coimbra se fez em 22 de maio a revolução liberal, em correspondencia á do Porto. Alistando-se no corpo academic, com elle emigrou para a Galliza, Inglaterra, e de lá para a Terceira, onde assentou praça, e seguiu postos no exercito até capitão, vindo a fallecer em Lisboa em 1843 ou 1844. O estudante Azevedo e Silva, quintanista de leis na universidade em 1828, era natural de Lisboa, filho d'um rico ourives da prata, José Luiz da Silva, conhecido pela alcunha de *Beziga*, a qual na universidade também se dava a seu filho. Este, tendo egualmente a fortuna de se escapar á justiça, não obstante as diligencias que se fizeram para o agarrar na propria capital, para onde viera, ponde afinal sair do reino e dirigir-se para o Rio de Janeiro, onde por fim falleceu, já depois de restaurado o governo.»

21 de junho.—Graças aos esforços de Napier partiu do Porto a expedição ao Algarve, não o podendo ser sobre Lisboa, em virtude de D. Pedro IV não consentir que embarcassem mais de 2:500 homens, como o conselho deliberára, 1833.

E' preso Luiz XVI e sua familia quando depois de ter conspirado contra o povo e a patria, procurava emigrar, 1791.

22 de junho.—Proclamação da Republica da Liguria, 1797.

23 de junho.—Combates da Tabosa e de Barca da Trofa, 1828.

MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES DE Antonio da Costa Junior

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saínhas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZZA

MACHINAS "PFAFF,"

— E —

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes. Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito santo
para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem.
Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alentejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca.* Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechlachas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA — SANGALHOS

— DO —
POVO DE AVEIRO

TYPOGRAPHIA

Artigos photographicos,

POR PREÇOS MODICOS,

Vendem-os Felix, Filhos

AVEIRO

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gossasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despezas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um servico de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o servico seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um correto do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou queaesquer outros servicos que ali lhes possam ser fornecidos.

Feitos quasi de graça só na

Officina de alfaiate

DO

ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Chirurgica do Porto
CLINICA GERAL
Consultas todos os dias das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora
R. dos Mercadores — AVEIRO

IMPRESSÕES DE VIAGEM

O QUE EU VI E OUVI ATRAVEZ DO EGYPTO E DA VELHA EUROPA

Vendem-se n'esta redacção, por 800 réis, os dois bellos e excellentes volumes d'esta publicação, escripta pelo nosso illustre correccionario José de Souza Larcher.

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—**Cartilha Maternal** ou **Arte de Leitura**—18.ª ed., cart. 200 réis, broch. 150
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 58000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 68000
Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.8ª ed., cart., 200 réis, broch. 150
Gua pratico e theorico da Cartilha Maternal—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 150

ESCRIPTA

Arte de Escripita—cada caderno, 30
Livros de polémica sobre o Methodo
A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500
A Cartilha Maternal e a Critica..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed., (esgotado), 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripita.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

FÁBRICA DOS SANTOS MÁRTYRES

DE

CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.ª

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA

AVEIRO

ETABELECIMENTO

DE MERCEARIA

E FERRAGENS

— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zineada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 42 45—AVEIRO